



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Loyane Milena do Rêgo Alves e Silva

Lazer na Desigualdade: Uma abordagem fotográfica sobre o lazer infantil em
uma sociedade consumista

Brasília
2016

Loyane Milena do Rêgo Alves e Silva

O Lazer na Desigualdade: Uma abordagem fotográfica do lazer infantil em uma sociedade consumista

Memorial referente ao Projeto Experimental de Conclusão de Curso produzido para a formatura no curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo.

Orientadora: Márcia Marques
Coorientador: Alan Marques

Brasília
2016

Loyane Milena do Rêgo Alves e Silva

MEMORIAL DE PROJETO DE PESQUISA

O Lazer na Desigualdade: Uma abordagem fotográfica do lazer infantil em uma sociedade consumista

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Prof. Dra. Márcia Marques – FAC/UnB

Co-orientador

Alan Marques - Mestre em Comunicação/UnB

Examinador

Prof. Dr. Marcelo Feijó – FAC/UnB

Suplente

Patrícia Cunegundes – FAC/UNB

Brasília
2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu o dom da vida. À minha família, meu alicerce, minha base, minha inspiração. Meus pais que me apoiam incondicionalmente, e não medem esforços para que meus sonhos sejam concretizados. Aos meus amigos, compreensivos e incentivadores. Aos meus mestres e professores, que durante toda vida minha escolar e acadêmica trouxeram ensinamentos e contribuíram para minha construção como um ser pensante. Aos personagens desta fotorreportagem, que foram receptivos e com suas histórias me fizeram crescer profissionalmente e como ser humano. À vida, pela oportunidade de tentar a cada dia, ser melhor.

RESUMO

A fotorreportagem é uma reportagem onde as mais importantes informações estão nas fotografias, que são acompanhadas por legendas ou pequenas notas de esclarecimento. A proposta deste projeto é utilizar a imagem como linguagem, acompanhada de textos que agreguem informação. O objeto de estudo terá um perfil de discurso narrativo e dissertativo que transmita ao leitor a situação da desigualdade social representada através do lazer infantil. As crianças atualmente sofrem muita influência da mídia, mas há ainda, nesse imenso Brasil, quem não receba, e que, ainda assim, tem sua maneira de ser criança. Este trabalho retrata essas diferenças, além de fazer o encontro da teoria e da prática de acordo com os aprendizados adquiridos durante o período de estudo na faculdade de Jornalismo. O trabalho está disponível em: https://issuu.com/loyane8/docs/o_lazer_da_desigualdade_-_por_loyan

Palavras-chave: crianças; desigualdade; fotojornalismo; fotorreportagem; lazer.

“Com a fotografia abre-se uma janela para o mundo” (FREUND, 1995)

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	5
1.2 DEFINIÇÃO DO TEMA DE PESQUISA	5
1.3 DEFINIÇÃO DO TÓPICO DE PESQUISA	5
1.4 DEFINIÇÃO DO OBJETO	6
2. DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS	
2.1 Pergunta de pesquisa	6
2.2 Objetivo geral	6
2.3. Objetivos específicos	6
3. JUSTIFICATIVA	7
4. REVISÃO TEÓRICA	9
4.1 Fotografia	9
4.2 Fotojornalismo	11
4.3 Fotojornalismo x FotoDocumental	12
4.4 Fotorreportagem	14
4.5 Função Social do Jornalismo	15
5. CONTEXTUALIZAÇÃO	18
5.1 Desigualdade Social	18
5.2 Capitalismo	21
5.3 Infância	22
5.4 Lazer	24

6. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
6.1. Etapas da pesquisa.....	30
6.2. Cronograma de pesquisa	31
6.3. Orçamento.....	32
7. Resultados esperados.....	33
8. Conclusões.....	34
REFERÊNCIAS.....	37
Anexos	42

1. Apresentação

O presente trabalho é resultado de questionamentos da pesquisadora sobre a desigualdade social, principalmente a que atinge o lado mais vulnerável da sociedade, o infantil. A teoria é posta em prática através de um projeto experimental de conclusão do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e contextualiza os procedimentos adotados para a produção uma revista de fotorreportagem em plataforma digital que pretende retratar os sinais da desigualdade na forma de lazer das crianças por meio da fotografia.

A importância de fazer um trabalho com esse contexto através da fotografia vem pela necessidade de não apenas contar o fato, mas de mostrá-lo. Fazer um experimento fotográfico como trabalho de conclusão de curso é consequência da afinidade, motivação, e do apreço pelas imagens que foram encontrados durante o percurso da graduação.

O poder de consumo, atualmente, define a forma como as crianças irão se comportar no momento das brincadeiras, mas, no Brasil, a desigualdade faz com que haja extremidades, onde há quem não tenha nenhum ou quase nenhum poder de consumo e quem tenha em excesso. Dessa forma, tornam-se alteradas as formas de viver e sobreviver das pessoas. Portanto, este trabalho irá abordar jornalisticamente e visualmente como se comportam as diferenças sociais no momento do lazer das crianças.

O Distrito Federal é o cenário escolhido para traçar a fotorreportagem e, nele, foram escolhidas 10 regiões administrativas para verificar como as crianças lidam com suas brincadeiras e brinquedos.

1.2. DEFINIÇÃO DO TEMA DE PESQUISA

Esse projeto tem como tema de pesquisa a fotografia jornalística.

1.3. DEFINIÇÃO DO TÓPICO DE PESQUISA

Esse projeto tem como tópico a fotorreportagem do brincar nas situações de desigualdade.

1.4. DEFINIÇÃO DO OBJETO

Como trabalho de conclusão de curso, o desafio deste produto é aliar a teoria à prática para descobrir fotograficamente como a desigualdade social afeta o brincar das crianças. Da mesma forma, ele busca trazer novamente o debate da importância da fotografia e da fotorreportagem para o meio jornalístico. Além da tentativa de incitar uma abordagem diferente de um tema que é muito debatido na sociedade, a desigualdade social.

2. PERGUNTA DE PESQUISA E DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS

2.1 Pergunta de pesquisa

Como a desigualdade afeta a forma de lazer das crianças?

2.2 Objetivo Geral

O Objetivo deste trabalho é, através da fotografia, retratar como a desigualdade social atinge as crianças residentes no Distrito Federal e, através disso, verificar se há diferenças nas formas de lazer infantil nas regiões que tiveram Índice de Desenvolvimento Humano mensurados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o PNUD.

2.3 Objetivos Específicos

- 2.3.1 Realização de uma fotorreportagem que sintetize os questionamentos da pesquisadora.
- 2.3.2 Pesquisar bibliografias sobre o tema lazer e a relação entre criança/ lazer.
- 2.3.3 Pesquisar bibliografias sobre fotografia e sobre reportagem fotográfica.
- 2.3.4 Pesquisar a questão demográfica para definir locais onde os personagens serão fotografados.

2.3.5 Fazer autorizações para de uso de imagem para os pais e responsáveis das crianças.

2.3.6 Realizar uma revista em plataforma digital de fotorreportagem sobre a relação do lazer infantil e a desigualdade social.

3. JUSTIFICATIVA

Após muitos questionamentos e dúvidas, esta pesquisa optou pela escolha de um tema inspirador e motivador para a pesquisadora, além de relevante para as pessoas. O jornalismo é uma prestação de serviço para a sociedade e ao estudar em uma faculdade que é suportada pelos impostos pagos pela população, é importante utilizar o resultado da formação para que seja, de alguma forma, uma contribuição para a vida do próximo e retornar à sociedade, o investimento que foi feito como estudante.

A confecção de mapas mentais e listagem de temas que se encaixassem nos requisitos levaram à três palavras que concretizaram a escolha: criança, fotografia e desigualdade social. Realizar um produto como trabalho de conclusão de curso é a experimentação do encontro entre teoria e prática, além de um desafio. A fotografia, como segmento guiador deste trabalho, dá-se pelo seu valor quase incontestável e sua importância dentro dos meios de comunicação. Pois “A palavra escrita é abstrata, mas a imagem é o reflexo do concreto do mundo no qual cada um vive” (FREUND, 1995, p.107)

Assim, a fotografia é muito forte e importante para o jornalismo, e ela tem muitas funções além de registrar os fatos. Ela tem funcionalidade para a arte, para a história, e para o jornalismo.

[...] pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar pontos de vista (‘opinar’) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico (SOUSA, 2000, Pag. 12)

Essa ferramenta da comunicação tem a função de fixar a realidade, e é preciso ter técnica para utilizá-la. Portanto, não teria forma melhor de analisar os parâmetros da desigualdade, senão registrando-a em imagens.

A partir de um **gráfico**¹ sobre a desigualdade social no Brasil, é possível perceber o quão alarmante é a diferença entre os mais ricos e os mais pobres. Não é preciso ir muito longe para notá-la na sociedade ao observar como ela age e se divide. O objetivo é mostrar as diferenças dessas divisões através das realidades entre crianças de diferentes classificações sociais no ato do brincar.

Durante a infância, é de suma importância que o lazer faça parte da rotina dos pequenos, pois a partir das brincadeiras se constrói o discernimento de ganhar e perder, de aceitar diferenças e de saber lidar com supostos problemas para resolvê-los. Dessa forma, elas estão sendo preparadas para a vida adulta de forma lúdica.

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1976, Pag. 34).

Mas nem toda a criança tem acesso a todas as formas de lazer por ter que trabalhar, cuidar dos irmãos mais novos enquanto os pais vão trabalhar, ou por não ter brinquedos. Enquanto isso, outras crianças possuem variadas formas de brincar, além de novos meios de entretenimento que, se comparadas com as brincadeiras da década passada, alteram bastante a maneira de agir das crianças, como, por exemplo, o auxílio de objetos eletrônicos como celulares e *tabletes*. Diversos motivos alteram as circunstâncias em que as crianças se divertem. Dentre eles, há a segurança, os novos hábitos e a companhia.

Por fim, o trabalho busca através de fotos jornalísticas em suporte eletrônico, mostrar a desigualdade da forma mais sublime no Brasil: através das brincadeiras.

4. REVISÃO TEÓRICA

4.1 Fotografia

Nos primórdios, os primeiros registros do ser humano eram feitos imgeticamente. Os indivíduos pré-históricos que habitavam nas cavernas registravam os acontecimentos em autorretratos, ainda que com traços finos sem muitos detalhes, através de desenhos. E a cada ano que se passava, esses desenhos eram aprimorados, e os detalhes que, cada vez mais, tornavam-se reais.

A fotografia, por sua vez, originou-se quando herdou da pintura a função registrar a realidade.

Nessa perspectiva, a fotografia seria o resultado objetivo da neutralidade de um aparelho, enquanto a pintura seria o produto subjetivo da sensibilidade de um artista e de sua habilidade. Quer o pintor queira, quer não, a pintura transita inevitavelmente por meio de uma individualidade. Por isso, por mais "objetivo" ou "realista" que se pretenda, o sujeito pintor faz a imagem passar por uma visão, uma interpretação, uma maneira, uma estruturação, em suma, por uma presença humana que sempre marcará o quadro (DUBOIS, 2004, Pag. 32)

Ela surgiu na década de 1830 como resultado de uma experiência de Niépce e Daguerre. Mas, desde seu surgimento, a distinção entre arte e realidade eram bem confusas e causavam contrapontos.

Desde então e ao longo de sua história, a fotografia foi marcada por polêmicas ligadas aos seus usos e funções. Ainda no século XIX, sua difusão provocou uma grande comoção no meio artístico, marcadamente naturalista, que via o papel da arte eclipsado pela fotografia, cuja plena capacidade de reproduzir o real, através de uma qualidade técnica irrepreensível, deixava em segundo plano qualquer tipo de pintura. (MAUAD, 1995; Pag. 2)

A invenção de Daguerre, o daguerreótipo, era uma câmera que produzia imagens depois de 30 minutos de exposição, e que ainda não permitia a reprodução. O processo para a fotografia ser hoje como é conhecida no mundo foi passado por muitos estudiosos que acrescentaram melhorias. William Fox Talbot que, em 1841, conseguiu pela primeira vez um negativo na história da fotografia.

No século XIX, a fotografia passa a ganhar novos contextos e ser utilizada de diferentes formas. No dia 4 de março de 1880, o jornal norte-americano *Daily Herald* entrou para história

com sua primeira foto publicada em uma mídia impressa. Mas ela realmente só passou a ser utilizada alguns anos depois, com o objetivo de fixar a realidade e captar um momento único, os jornais agregaram as imagens de forma experimental, sem muito destaque, porque apenas textos já não eram suficientes. Era necessário ter uma informação visual para completar a notícia, além acrescentar e trazer mais veracidade ao que estava escrito.

A fotografia entrou para os jornais diários em 1904, com a publicação de uma foto no jornal inglês Daily Mirror. No entanto, o ingresso da fotografia no periodismo diário traduz uma mudança significativa na forma de o público se relacionar com a informação, através da valorização do que é visto (MAUAD, 2005).

A fotografia, assim como define Philippe Dubois, pode ser vista de três formas: como espelho do real, como transformação do real, e como traço do real. A primeira delas define o resultado do ato de fotografar como um reflexo do real, uma testemunha de fatos que aconteceram e a forma da memória física.

O conjunto de todas essas discussões, de toda essa metalinguagem nem por isso deixava de compartilhar uma concepção geral bastante comum: quer se seja contra, quer a favor, a fotografia nelas é considerada como a imitação mais perfeita da realidade. (DUBOIS, 1998, p. 27)

Na segunda definição, a fotografia seria a transformação da realidade, por ser apenas um recorte do real e, como todo objeto manuseado por humanos, está sujeita a falhas que podem transformar a realidade que foi fotografada.

De fato, como se sabe, se observarmos concretamente a imagem fotográfica, ela apresenta muitas outras "falhas" na sua representação pretensamente perfeita do mundo real. (DUBOIS, 1998, p. 38)

Na terceira definição feita por Dubois, a fotografia seria um traço do real. Ou seja, é apenas uma parte da realidade, e para ela ter algum significado ela passa por processos. Primeiro, a foto é índice, depois ela pode tornar-se parecida com ícone e, por fim, adquire um símbolo. A imagem primeiramente é reproduzida e interpretada de acordo com os aspectos específicos da realidade. Logo depois, aparecem os efeitos provocados por ela, que podem ser ideológicos ou sensoriais. O que a torna singular é o traço escolhido pelo seu referente, que vai muito além de uma simples imitação da realidade, sendo a visão do fotógrafo daquela realidade.

Por outro lado, observamos também que o princípio do traço, por mais essencial que seja, marca apenas um momento no conjunto do processo fotográfico. (DUBOIS, 1998, p.51)

A fotografia passa então ganhar valores além do simples registro de uma imagem, ela passa a trazer informações, cores, símbolos e significados. Ela passa a ter valor para ciência, para história e para a arte. E esse valor se dá pela maneira que o fotógrafo irá se portar no momento do registro. Além disso, ele, através de sua carga de conhecimentos, fará com que toda a construção passe a ter motivações.

A imagem fotográfica não é um simples registro físico-químico ou eletrônico do objeto fotografado: qualquer que seja o objeto da documentação não se pode esquecer que a fotografia é sempre uma representação a partir do real intermediada pelo fotógrafo que a produz segundo sua forma particular de compreensão daquele real, seu repertório, sua ideologia. (...) Temos portanto uma fantasia que é tornada realidade concreta uma vez que veiculada pela mídia e consumida enquanto produto (Kossoy, 2002: 52).

A famosa frase que “uma imagem vale mais que mil palavras” faz jus à necessidade dos jornais de ter que provar visualmente que os fatos escritos haviam realmente acontecido. “[...]a fotografia tornou-se um dos principais expedientes para experimentar alguma coisa, para dar uma aparência de participação”. (SONTAG, 2004, p. 16). Assim, a fotografia lança uma fase da comunicação que ainda não havia sido muito explorada, o chamado Fotojornalismo.

4.2 Fotojornalismo

Após a invenção da fotografia, a imagem passa a ter uma grande importância no meio jornalístico, pelo fato de ser quase incontestável e de ser um recorte registrado da realidade, a imprensa passa a cogitar a ideia de utilizá-la. Mas os 30 anos que se passaram após a descoberta da fotografia por Louis Daguerre, em 1839, a imprensa continuou a imprimir desenhos e gravuras feitos na madeira ou pedra para ilustrar textos e reportagens, porque houve uma certa rejeição dos jornalistas, por acharem que fotografia não seria adequada aos modos jornalísticos, e principalmente pelos valores altos para a impressão de imagens.

O fotojornalismo surge a partir do momento em que a fotografia é desenvolvida como mecanismo de reprodução da realidade visual. As fotografias passam a ser utilizadas a partir de meados do século XIX nas primeiras publicações ilustradas européias, para

transmitir informações úteis (de valor jornalístico) conjugando imagem e texto. Sua finalidade primordial é informar. (LOHMANN, 2011, p. 10)

As revistas ilustradas foram os primeiros meios de comunicação a unir imagem e texto no campo do jornalismo. Em 1880, o que envolvia a fotografia passa a ganhar mais atenção e evolução. A tecnologia passa a ser desenvolvida e a qualidade de imagens se torna melhor. Além do aparato visual, o enlace entre o texto e a imagem ganham uma função mais forte e passam a se complementar, colaborando na construção da notícia e do que envolve sua narrativa. Segundo Susan Sontag, o valor da fotografia vem da carga informativa que a imagem carrega: “A fotografia é valorizada porque nos fornece informações” (SONTAG, 1981, p. 21)

4.3 Fotojornalismo x fotodocumental

Dentre as inúmeras possibilidades de se trabalhar com fotografia, no campo do jornalismo há maneiras de defini-las. Em Souza (2002, p. 8) há a classificação das duas formas e como praticá-las, onde, segundo ele, o fotorrepórter trabalha com o inesperado. Não é possível prever o que vai acontecer, mas deve estar preparado para registrar o fato. Assim como Henri Cartier-Bresson diz sobre o instante decisivo, em que o fotorrepórter deve estar pronto para o que está por vir para não perder o detalhe, pois um instante é decisivo para uma boa fotografia. “Ter certeza, durante o trabalho, de que não se deixou um buraco, que tudo se exprimiu, pois depois será tarde demais, não será possível retomar o acontecimento às avessas” (CARTIER-BRESSON, 2004, p.18).

O fotorrepórter tem um papel de muita importância em um jornal, ele precisa sintetizar em uma imagem o que as palavras dizem e o que elas não dizem. O resultado da imagem deve trazer significados e símbolos para trabalhar junto ao texto e isoladamente também. “O processo fotográfico como forma de comunicar uma notícia não se reduz ao ato de captura da imagem” (MARQUES, 2016, p. 39)

O fotorrepórter tem a missão de construir e capturar as mais precisas e completas informações em uma imagem. Para isso é preciso estar com a técnica muito apurada e preparado para clicar no momento decisivo e guardar para a eternidade o fato registrado. “Ele é observador

de seu tempo, é objeto dos campos de força existentes em sua atualidade e, ao mesmo momento, é gerador de energia que interage e modifica essas mesmas tensões. ” (MARQUES, 2016, p. 54)

Para uma boa fotografia jornalística, é preciso a aliança de um conjunto de fatores. O fotógrafo deve estar no lugar certo, com a técnica apurada, e o fato prestes a acontecer para ser registrado com a carga de informação necessária que um jornal pede, esse pode ser impresso ou online. “Uma fotografia é para mim o reconhecimento simultâneo, numa fração de segundo, por um lado, significativo de um fato, e por outro, de uma organização rigorosa das formas percebidas visualmente que exprimem este fato” (CARTIER-BRESSON, 2004, p. 29).

Já a foto documental é oposta por estudar o ambiente e o personagem, além de haver uma preparação para fotografá-los. Ou seja, já se tem o conhecimento do fato que será registrado. Apesar de que quando um fotojornalista é enviado a um local para fotos, ele sabe os gerais dos fatos, mas não sabe como isso ocorrerá no momento do registro. Desta forma, “Um fotodocumentalista procuraria fotografar a forma como essa condição afeta as pessoas, mas um fotojornalista circunscreveria o seu trabalho à descrição/narração fotográfica do acontecimento em causa. ” (SOUSA, 2004, p.8)

Outra diferença entre fotodocumentarista e o fotojornalista é que o primeiro não tem a pressão do tempo e a necessidade da rapidez no registro, ele trabalha com situações atemporais em que precisam da espera para acontecer e fazer uma boa construção de registros. O segundo trabalha o presente, temas momentâneos. Dessa maneira, é possível afirmar que o objetivo deste trabalho é unir as duas formas de fotografia. Pois ele irá agregar a forma como a desigualdade afeta o lazer das crianças à narração e descrição desse acontecimento na vida delas. O projeto então, une as duas vertentes e não se prende a apenas uma.

Há a preparação das crianças no sentido de marcar dias e horários para melhor encaixar na agenda dos pais e dos filhos, mas há a espontaneidade de deixar a criança falar e brincar normalmente. “No fotojornalismo, dizem que o importante é ter o registro, porque o que vale é

a informação. Mas se a foto é feita no momento certo, com a carga informativa forte dentro de todos os padrões técnicos, acredito que é muito melhor” (Sérgio apud Marques p. 155. 2016)

O autor Jorge Pedro Sousa descreve a maneira mais comum do fotodocumentarismo como social que está diretamente relacionado aos temas com caráter social. Desta maneira, pode-se afirmar que o fotodocumentarismo, apesar do não imediatismo, tem como principal característica registrar causas sociais com intuito de alertar para a situação retratada. Para o inglês Derrick Pierce “o arquetípico projeto documental estava preocupado em chamar a atenção de um público para sujeitos particulares, frequentemente com uma visão de mudar a situação social ou política vigente”

4.4 Fotorreportagem

A fotorreportagem é um gênero do jornalismo que nasceu na Alemanha em 1920, porém só se expandiu realmente pelo mundo em 1933, época em que Hitler estava à frente do regime nazista. Isso fez com que muitos jornalistas e fotógrafos fugissem, disseminando esse novo gênero pelo mundo.

No Brasil, a fotorreportagem, foi introduzida pela revista O Cruzeiro, que era uma das principais revistas ilustradas brasileiras que continham esse gênero. “A fotorreportagem é uma narrativa que resulta na conjugação de texto e imagem, ou seja, de duas estruturas narrativas totalmente independentes dentro de uma armação própria realizada pela edição.” (Costa apud Monteiro, 2007).

Vertente do fotojornalismo, a fotorreportagem traz consigo as características completas de uma reportagem, mas seu gancho principal é a imagem. Ou seja, apesar de ter texto, o mínimo que seja, a estrutura é a mesma de uma matéria jornalística. Para ser classificada como uma fotorreportagem, é preciso ter as mesmas características de uma reportagem. Ou seja, ela deve possuir lead, legendas, a informação necessária para responder às questões do leitor, porém é caracterizada pela grande quantidade de fotografias, uma série de fotos que, aliadas ao texto, trazem a informação completa para o leitor. As fotos são o argumento principal da fotorreportagem.

O recurso visual do jornalismo moderno deve ser entendido como uma possibilidade complementar e suplementar à informação textual. Não serve apenas para arejar a página ou valorizar a notícia, tampouco para preencher eventuais vazios que a falta de planejamento tenha criado. (...) Em geral, a foto é uma decorrência da agenda de assuntos já contemplados pela pauta geral do jornal, o que não quer dizer que ela deva se limitar a isso. Cabe ao repórter-fotográfico, em sintonia com o editor de fotografia e os seus prepostos, buscar uma identidade própria ao produto que vai oferecer para a elaboração da página que chegará ao leitor (Manual da Folha de S. Paulo, 2002: 32).

4.5 Função Social do Jornalismo

O jornalismo possui várias conotações, uma delas surgiu após o fim da ditadura, era a que o jornalismo possuía “utilidade social”. Afinal, é uma prestação de contas para a sociedade e tem como função servir aos interesses dos cidadãos. Esse seria o “jornalismo cidadão” que é o papel que a imprensa assumiria de mediadora e de interventora na sociedade, de acordo com Alzira Alves de Abreu.

O jornalismo tem por função principal interpretar informações e passá-las adiante. Para isso, é preciso que o profissional dessa área seja imparcial, e tenha precisão para a captação e apuração dessa informação, para que a mensagem chegue ao leitor de forma clara, com a possibilidade de interpretar e refletir. “A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar” (KOVACH e ROSENTIEL, 2004, p. 31)

O jornalismo como parte da comunicação, que é definida como um sistema de interação social que ocorre através de linguagem, símbolos e meios de mensagens, tem por função fazer transparecer as informações de forma objetiva e clara para criar no receptor, o senso crítico.

Na democracia, umas das características mais marcantes é a liberdade de imprensa, em que os veículos podem e devem tornar público os acontecimentos que tenham valor e sejam a favor para a população, mesmo que isso seja contrário a quem possui poderes perante à sociedade.

A imprensa é um veículo que fornece informações aos cidadãos e, simultaneamente, lhes dá a possibilidade de levar suas demandas até os responsáveis pelas decisões que afetam a vida em sociedade. A imprensa tem por função dar visibilidade à "coisa pública", e a visibilidade é uma condição da democracia. (Alzira, 2003, p.26)

O valor notícia é a característica que vai fazer com que o profissional do jornalismo determine o que é importante para o receptor. Segundo Thaís Mendonça Jorge (2008) um valor notícia é definido pelos seguintes fatores: o novo, o inusitado, o sensacional, o misterioso, a notoriedade, e a proximidade. Como questão de organização e de tempo, é preciso ter elementos para definir o que deve ser divulgado, ou não. “E é a imprensa que permite ao cidadão alargar o seu conhecimento sobre as questões públicas, evidentemente, não sobre o todo, e sim sobre parte do que se passa na sociedade. ” (ALZIRA, 2003, p.26)

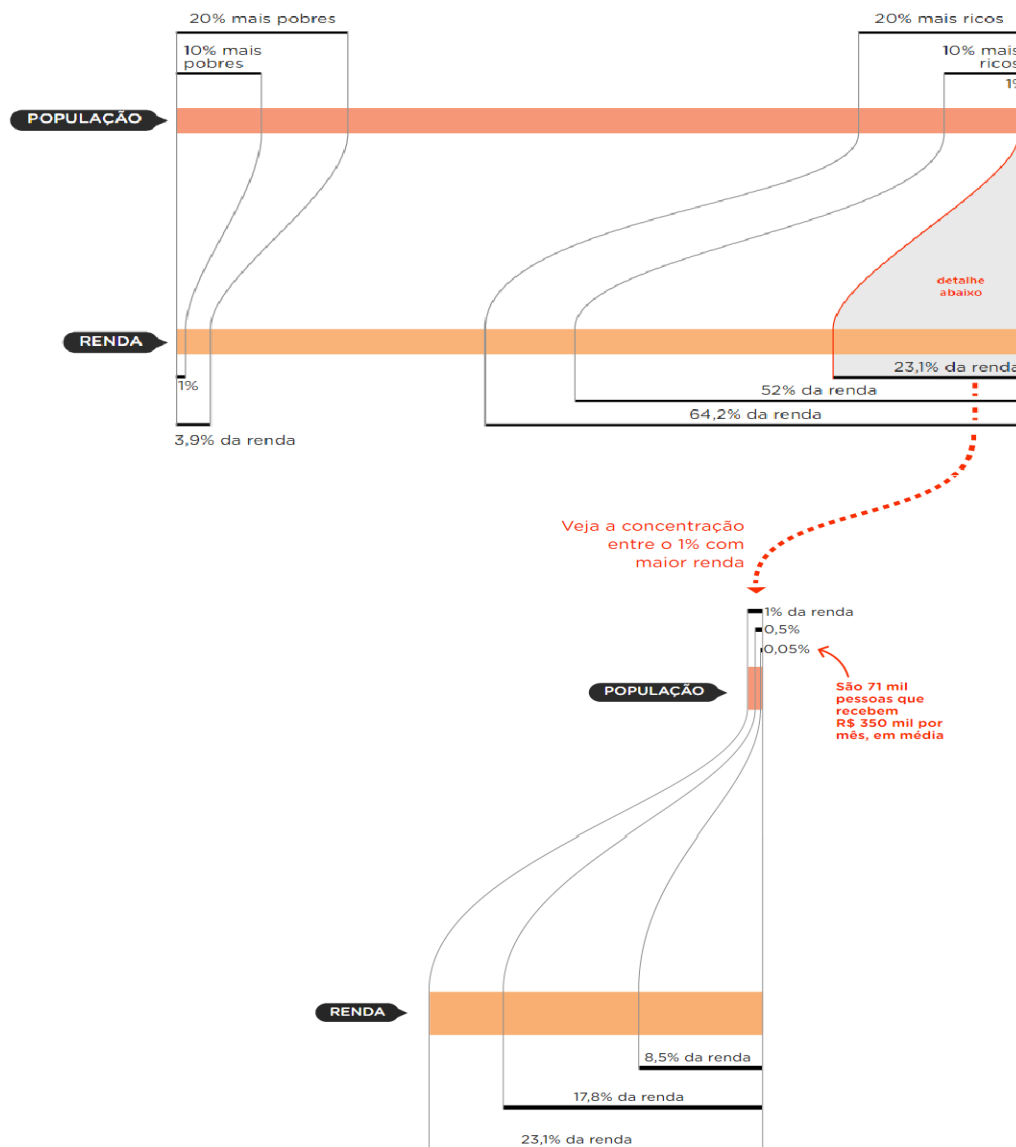
Apesar de o jornal, local de trabalho dos jornalistas ser sustentado pela publicidade, o jornalista não pode se deixar levar por questões mercadológicas, pois a notícia vem sempre em primeiro lugar e deve ser utilizada com muita cautela, pois diz respeito à evolução da cidadania. E elas não devem virar objeto de troca, em busca de favorecer certos lados da sociedade.

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento de suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também dos donos das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria (TRAQUINA, 2005, p.208).

5. CONTEXTUALIZAÇÃO

5.1 Desigualdade Social

Um gráfico resultante de um estudo do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo feito pela Organização das Nações Unidas, a ONU, demonstra como a desigualdade social no Brasil se comporta.



Gráfico¹ – (Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo, da ONU, abril de 2016)

Segundo os dados expostos pela ONU em abril de 2016, 10% dos mais ricos da população concentram 52% da renda no país, e 20% dos mais pobres totalizam 3,9% da renda no Brasil.

Esses dados demonstram o quão desigual é um dos maiores e mais ricos territórios do mundo. “Um país desigual, exposto ao desafio histórico de enfrentar uma herança de injustiça

social que exclui parte significativa de sua população do acesso a condições mínimas de dignidade e cidadania. ” (Barros; Henriques; Mendonça; 2000)

A desigualdade é um termo que designa as diferentes condições de um mesmo padrão. Nesse caso, a desigualdade social é a diferença entre as condições de vida e de sustento dos membros formadores da sociedade. A forma como esses indivíduos têm de viver é alterada de acordo com as qualidades que lhes são oferecidas, ou seja, emprego, qualidade de vida, acesso à educação e saúde.

Assim, é classificada dentro de uma sociedade desigual: a pobreza e a riqueza. A primeira é a falta do que é necessário para uma sobrevivência, ou seja, uma situação em que as necessidades primárias não são atendidas por falta de dinheiro. Já a segunda é o oposto da primeira, onde se tem a possibilidade de ter suas necessidades atendidas, e ainda poder usufruir de opções não tão necessárias.

A pobreza, evidentemente, não pode ser definida de forma única e universal. Contudo, podemos afirmar que se refere a situações de carência em que os indivíduos não conseguem manter um padrão mínimo de vida condizente com as referências socialmente estabelecidas em cada contexto histórico. (Barros; Henriques; 2000, Pag. 125)

O que se pode definir como razão da existência da desigualdade e da pobreza é a má distribuição de renda gerada por um sistema chamado capitalismo, que gira em torno de um capital, que é o principal fator que determina o pobre, e o rico. Portanto, “[...] pobreza responde a dois determinantes imediatos: a escassez agregada de recursos e a má distribuição dos recursos existentes. ” (Barros; Henriques; 2000, Pag. 125)

5.2 Divisões da Sociedade

O capitalismo é um sistema econômico que segrega a sociedade entre extremos, em que alguns possuem grande quantidade de bens, a chamada acumulação, enquanto outros vivem na miséria extrema, em que se falta tudo, inclusive moradia.

A acumulação de riqueza num pólo é, ao mesmo tempo, acumulação de miséria, tormento de trabalho, escravidão, ignorância, brutalização e degradação moral no pólo oposto, isto é, do lado da classe que produz seu próprio produto como capital (MARX, 1996, p. 210).

Mas não são apenas em dois polos que se divide uma sociedade capitalista, existem várias classificações e entre esses polos, há algumas intermediárias. Alguns critérios são considerados para fazer essas definições das divisões, assim, eles podem ser unidimensionais, em que se considera apenas um fator: renda ou o tipo de ocupação. Ou critérios multidimensionais, em que são avaliados mais de uma característica para compor a classificação, como: renda, educação, número de cômodos no domicílio, quantidade de bens e entre outros fatores.

No Brasil existem algumas maneiras de classificar a sociedade, o Novo Critério Brasil, realizado pela Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa (ABEP) é um deles, e classifica a população de acordo com um levantamento da quantidade de itens de conforto, o grau de escolaridade do chefe de família e acesso a serviços públicos. A avaliação é feita por uma soma de pontos que são definidos correspondente à característica de cada fator, e os grupos sociais são estabelecidos em A1, A2, B1, B2, C1, C2, D, E.

Já o centro de políticas sociais, da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), classifica a população em grupos com o critério unidimensional, a partir da renda per capita. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, a cada dez anos faz a análise e segmenta a população do Brasil em cinco classes sociais pela renda familiar mensal através do valor do salário mínimo. Assim, as classes são divididas em cinco e denominadas por letras: A, B, C, D, E.

A primeira divisão compreende as famílias que recebem até dois salários mínimos; a segunda classe abrange quem recebe de dois até cinco salários; a terceira de mais de cinco até dez salários; a quarta classe engloba quem recebe de dez até vinte salários mínimos; e a quinta classe com pessoas que recebem mais de vinte salários mínimos.

A desigualdade social é evidente no sistema econômico capitalista pois como os princípios são baseados na acumulação de capital, na propriedade privada, no estímulo ao

consumo e no lucro, e a má distribuição da renda, que garante vantagens e facilidades a alguns poucos indivíduos em detrimento da grande maioria (que é desprovida de recursos financeiros, marginalizados no acesso à cultura, a educação e a saúde) gera um ciclo de permanência do indivíduo no grupo social de seu nascimento.

[...] o capital é uma forma de propriedade privada que não pode deixar de se expandir. Diferente da propriedade feudal, ou da propriedade de escravos, que poderia permanecer por séculos sem alterações significativas, o capital é uma forma de riqueza que apenas pode existir se servir para fazer negócios cada vez mais lucrativos (Lessa, 1999, p.30)

5.3 Infância

A palavra infância é originária do latim e significa incapacidade de falar. Mas, até realmente ter um significado e representação, esse termo passou por muitos processos. Apesar da quantidade de história que carrega, os estudos que envolvem e retratam crianças surgiram há 150 anos.

As crianças não apareciam em registros literários ou em obras de arte da Idade Média e, na época, crianças eram aquelas até os quatro anos de vida, logo após a passagem desse período já eram consideradas adultas. Elas viviam junto aos adultos e não possuíam cuidados especiais, além de serem vistas como incapazes diante da sociedade.

[...] De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje. (ARIÈS, 2006, p.9).

Até o século XIII, para a sociedade, as crianças eram adultas em formas pequenas e eram comparadas a animais de estimação e vistas como seres contra a razão e os bons costumes. As pessoas não haviam entendido ainda que aqueles pequenos seres se tornariam adultos. Para eles, as crianças eram facilmente substituíveis e não precisavam de atenção ou de ajuda para a realização de atividades do dia a dia.

As pessoas se divertiam com as crianças pequenas como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança

logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÈS, 2006, p.10)

Depois de um certo tempo, a criança passa a ser vista como um ser de particularidades e com a capacidade de desenvolvimento, isso se deve ao alto índice de mortalidade infantil que faz com que a atenção se volte para a infância, e assim os adultos passam a construir uma nova visão.

A aparição da infância ocorreu em torno do século XIII e XIV, mas os sinais de sua evolução tornaram-se claras e evidentes, no continente europeu, entre os séculos XVI e XVII no momento em que a estrutura social vigente (mercantilismo) provocou uma alteração nos sentimentos e nas relações frente à infância (CARVALHO apud CORDEIRO; COELHO, 2007, p.884)

A relação entre as desigualdades sociais e raciais com as crianças vem desde a construção do termo infância. Apesar da mudança na preocupação em relação aos infantes, e agora a criança ter uma visão voltada para ela, eram apenas crianças ricas que tinham essa atenção.

Dentro desse conceito padronizado, podemos dizer ainda que para realizar um certo conceito de infância, em que era mantido um certo padrão de análise, ou seja, os padrões utilizados para esse conceito era a criança européia, branca e de lares burgueses [...]. (STEIBERG, SR; KINCHOLLOE, JL, 2001).

Surgem então as escolas, que passam a ter a função de inseri-las na sociedade. Os adultos, pais das crianças, decidiam o que devia ser ensinado para elas, pois haviam assuntos que poderiam atrapalhar o desenvolvimento, e não eram adequados para aquela idade. A comunidade passa a perceber a criança como um ser frágil que necessita de atenção e cuidados.

As crianças passam a estar, então, separadas dos adultos. Ao invés dos ensinamentos de hábitos e profissões pelo convívio, as crianças são enviadas para as escolas. Esta separação possibilitou a exigência de “segredos”, isto é, assuntos conhecidos apenas pelos mais velhos. Em outras palavras, a concepção de infância moderna, que se estende até os nossos dias, seria o seguinte: uma fase da vida em que os indivíduos precisariam de cuidados especiais e deveriam ser resguardadas de algumas informações que pudessem lhes ser nocivas para que se desenvolvessem e se construíssem, no futuro, como indivíduos plenos. (GUARANA, 2007).

A instituição família começa, então, a se organizar pela criança, e as regras para a educação do infante começam a existir. Mas, logo depois da revolução industrial, os olhares a respeito do assunto mudaram. Os retrocessos acontecem na busca pela mão de obra barata, e as crianças saem da escola para o mercado de trabalho. A burguesia se mantém estudando, e o proletariado começa com o trabalho braçal.

Se a vida em comum com os adultos antes da Revolução Industrial tratava a criança com descaso, agora, o seu valor enquanto geração de braços para indústrias e cabeças para o comando lhe trás o exílio de seu tempo. Viver a infância passa a ser um período dominado por modelos de preparação para ser o futuro adulto. A criança como tal, com identidade específica, continua desrespeitada e desumanizada. (AMARILHA apud CORDEIRO; COELHO, 2007, p. 885).

A criança, enfim, garante seu lugar na sociedade como um ser humano que requer atenção especial, e que não é um adulto em miniatura. A infância se torna uma fase da vida humana que depende dos cuidados e de educação para transformar esses em bons adultos. Apesar do reconhecimento, havia ainda limitações para os cuidados com as crianças.

A produção de serviços ou espaço para as crianças ajusta-se à necessidade do sistema econômico em se reproduzir, ainda que seja à custa da morte do lúdico, do prazer, da criação. Ainda que seja a custo da morte da aventura do sonho, da paixão, do encontro. O lugar da criança é estar à margem ou sendo carregada de roldão pelo processo histórico aqui instalado e - mesmo quando cuidada por organismos especializados não passa de uma marginalidade “dourada” do processo global da sociedade. (REDIN, 1998, p.24.).

A partir do século XVI, com a chegada dos portugueses e com a implantação do sistema colonial no Brasil, era necessária mão de obra para o funcionamento da Colônia. Não muito diferente da revolução industrial na Europa, o Sistema Colonial no Brasil fazia com que muitas crianças trabalhassem. Os jesuítas, que vieram com os portugueses para catequizar os nativos consideravam as crianças indígenas pecadores e, para eles, a missão era civilizá-las. Segundo Santos (2007) “A criança era submetida a uma educação rígida e moral com o objetivo de alcançar a civilização através de aulas de gramática, catequese, além de normas e obrigações cujo único objetivo era prepará-los para o trabalho. ”

No Brasil, é possível observar a desigualdade social desde a época da Colônia, de acordo com o tratamento que as crianças tinham a partir de sua classe e raça. Apesar das brincadeiras e da convivência simultânea, os conhecimentos passados para a criança eram de que aquelas que eram brancas dominariam as negras quando crescessem, pois, era o que elas observavam no agir dos adultos.

No Brasil Colonial, com um modo de produção escravista, a infância caracterizava-se de forma diferente para as crianças brancas e negras, como ainda o é para crianças da elite e crianças pobres. Enquanto eram crianças, brincavam e estavam em atividade conjunta. Entretanto, a criança branca aprendia desde cedo que, ao crescer, ela dominaria aqueles com quem agora brincava. (OLIVEIRA, 2007, p. 35).

Atualmente, segundo dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância, o Unicef, e de acordo com o último Censo Demográfico feito em 2010, o Brasil possuía uma população de 190 milhões de pessoas, em que, desses, 60 milhões tinham menos de 18 anos de idade. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2013 também identificam os mesmos 60 milhões para menores de 18 anos de idade. 29% da população vive em famílias pobres, mas, entre crianças, o número atinge os 45,6%. Crianças brancas que vivem na pobreza contabilizavam 37%, já as crianças negras e pardas 61%.

A desigualdade também afeta este fator: as crianças pobres têm mais do que o dobro de chance de morrer, em comparação com as ricas. Com 98% das crianças de 7 a 14 anos na escola, o Brasil ainda tem 535 mil crianças nessa idade fora da escola. Segundo ainda dados do PNAD, o trabalho de crianças de 5 a 9 anos está praticamente extinto no Brasil. Mas, na faixa etária de 10 a 15 anos, ainda existe. A maioria das crianças em estado de trabalho são meninos negros da região urbana, mas esse número diminuiu desde 1992.

5.4 Lazer

O lazer é um dos direitos fundamentais assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e é de muita importância que o lazer faça parte da rotina dos infantes, pois

a partir das brincadeiras se constrói o conhecimento cognitivo, o discernimento e aceitação do diferente, o que colabora para a preparação da vida adulta de forma lúdica.

Brincar é fundamental na infância por ser uma das linguagens expressivas do ser humano. Proporciona a comunicação, a descoberta do mundo, a socialização e o desenvolvimento integral. (Friedmann, 2006, p.17)

O lazer é assegurado ao cidadão na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), na Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959), na Constituição Federal (1988), e no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Para as crianças, o entretenimento é o brincar. Esse hábito é muito antigo e de suma importância para essa fase da vida humana. Segundo Friedmann (2006, p 17), “o brincar já existia na vida das pessoas bem antes das primeiras pesquisas sobre o assunto”.

A importância do brincar faz com que, de maneira lúdica, a criança busque entender e construir seus pensamentos, falas e funções motoras. Através dessa ação, ela passa a se preparar para os desafios que a vida adulta trará. Segundo Oliveira (2008, p.7), “é brincando que a criança elabora progressivamente o luto pela perda relativa dos cuidados maternos, assim como encontra forças e descobre estratégias para enfrentar o desafio de andar com as próprias pernas e pensar aos poucos com a própria cabeça, assumindo a responsabilidade pelos seus atos”. A criança que brinca socializa, compartilha, ganha e perde. Experimenta, assim, as emoções, as dores, grita, chora, ri e pratica a paciência. Desta forma, ela entende as nuances da vida ao mesmo tempo em que exercita o cérebro e o corpo.

Põe em jogo seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimento vêm-se desafiadas. No brincar, o ser humano imita, medita, sonha, imagina. Seus desejos e seus medos transformam-se, naquele segundo, em realidade. O brincar descortina um mundo possível e imaginário para os brincantes. O brincar convida a ser eu mesmo. (Friedmann, 1998)

Para quem tem acesso à televisão e computadores, isto se torna uma forma de lazer dessas crianças, além dos brinquedos. O poder de consumo que ela emprega nas pequenas cabeças faz com que os pequenos queiram cada vez mais comprar brinquedos, sem que haja necessidade de utilizá-los, apenas por vontade de tê-los. Mas isso não ocorre com quem não tem esse contato direto com mídia e a exposição do consumismo. A Internet hoje é acessível

para somente 120,3 milhões de pessoas, metade da população possui acesso a rede, mas outra metade não.

A influência dos meios de comunicação de massa na formação das crianças, considerando a infância como algo da modernidade. O capitalismo, e seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, é o ponto de partida para analisar e refletir sobre as relações entre indústria cultural e infância. Neste momento, tanto o homem, como também as relações estabelecidas socialmente são objetivados, coisificando-se, transformando-se em bens consumíveis. A cultura transformada em produto é, neste sentido, moldada em objetos/manifestações produzidos pela indústria cultural, integrando-se aos interesses do capital que visa a acumulação do lucro através de uma formação ideológica do processo de “conscientização” dos indivíduos. A vida habitual globalizada está submetida ao domínio das imagens e signos, de tal modo que nenhuma sociedade já foi tão saturada com esse tipo de cultura como esta (Canevacci, 2001 p. 240).

6. Procedimentos Metodológicos

O trabalho iniciou-se em meados de março de 2016, quando o tema foi decidido. De acordo com o cronograma, a revisão teórica começou a ser escrita em meados de abril, e a pesquisa não parou até novembro. O método utilizado para a realização desta pesquisa foi a da entrevista semiestruturada com as crianças fotografadas, e com seus respectivos responsáveis. O número de crianças foi determinado de acordo com a disponibilidade delas e a permissão dos responsáveis nas regiões administrativas do Distrito Federal.

Os dias para fotografá-las foram os finais de semana cujos são, geralmente, os dias de lazer. Isso se fez necessário para aferir melhor as opiniões e as vivências delas, o que ajudou a compor as legendas e os textos que acompanham a fotorreportagem para situar o leitor quanto àquela imagem, realidade, veracidade, além de humanizar com o olhar dos personagens.

Os prazos estipulados pelo cronograma para as fotografias fugiram um pouco do esperado, por fatores externos, como o clima, ora chuvoso, ora de seca onde não se encontrava crianças nas ruas, ou quando a pesquisadora teve o joelho machucado. Esses fatores não se adequam ao imediatismo da imprensa, porém, por ser uma proposta de revista, o prazo é maior, e a pauta, por ser fria, não teria tanta voracidade.

Quanto à tipologia das fotos, a proposta de ser documental se reflete no fato de não esperar o inusitado no quesito de lugar e personagem, com objetivo de retratar uma situação social e a busca de melhorias para isso, mas com toques do fotojornalismo com o inesperado do agir das crianças e de tentar trazer o máximo de informações nas imagens.

Para a pesquisa, a base foi realizada em estudo de referências bibliográficas a respeito do que abarca o assunto da infância, bem como antropologia, psicologia, história da infância e do fotojornalismo, além das questões de produção de uma grande fotorreportagem.

Os personagens fotografados são crianças na faixa etária de 3 a 11 anos e residentes das Regiões Administrativas de Brasília que possuíram as maiores e as menores taxas no Índice de

Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) mais recente, aferido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o PNUD em 2010.

O IDHM é um índice composto por três áreas do desenvolvimento humano: longevidade, que é vida-longa e saudável; acesso ao conhecimento e educação; e a renda, que determina o padrão de vida. Dentre os que tiveram o menor índice, estão: Estrutural, Recanto das Emas, Samambaia, São Sebastião e Sobradinho com o mesmo valor de 0,616 em uma escala que tem 0 como mais baixo índice e 1 como o maior índice. Os que obtiveram o melhor resultado foram as seguintes regiões: Águas Claras com 0,956; Asa norte com 0,957; Lago Sul 0,955; Noroeste 0,955 e Sudoeste/Octogonal com 0,957.

Quanto à questão de aprendizagem este trabalho só reforçou o espírito de jornalista de abrir a janela a fatores que ocorrem na sociedade, mas que muitas vezes, são vistos como comuns. E principalmente o interesse pela fotografia, suas nuances e a importância que tem para o jornalismo e para as pessoas.

6.1. Etapas da pesquisa

6.1.1. Pesquisa Bibliográfica

Foram colhidas informações e busca de conceitos relacionados ao que envolve o tema: ‘fotografia’, ‘história da fotografia’, ‘infância’, ‘lazer’, ‘foto documentalismo’, ‘fotorreportagem’ e ‘desigualdade social’.

6.2.2. Elaboração de Formulário de autorização

Foram elaborados formulários para que os responsáveis assinassem antes das fotografias atestando o consentimento do uso de imagem das crianças para esse projeto.

Seleção e Edição de imagens									
Redação de Textos de Apoio e Diagramação do Produto									
Entrega e Defesa do Produto e									

6.3. Orçamento

- Compra do pacote Adobe (incluindo Lightroom para edição de fotos e InDesign para diagramação do produto) - 168,00/mês
- Contratação de Diagramador – 180,00
- Impressão do Memorial – 38,00

7. Resultados esperados

Espera-se que o resultado deste trabalho seja um ensaio de fotos documentais que abordem as diferenças de lazer entre crianças das regiões administrativas com maior índice de desenvolvimento humano municipal e, também, de regiões com o menor. Além de responder determinadas questões: Como a desigualdade social afeta o lazer das crianças? Como a mídia influencia na forma de lazer das crianças? Seria a mídia uma dessas formas de lazer? Há diferença na formação onde a mídia é diretamente influenciadora, e onde pouco se conhece sobre esse meio?

Com a conclusão do curso, colocar em prática a teoria aprendida e desenvolvida no decorrer da graduação e aprofundar conhecimentos na área do jornalismo com maior identificação. Para isso, foram feitas leituras de autores e pesquisadores sobre o assunto, além da experimentação e desenvolvimento da habilidade adquirida com a fotografia, com escrita de uma fotorreportagem, com a interlocução com as fontes, principalmente com a delicadeza e cuidado de trabalhar com crianças.

Por intermédio de imagens fotográficas, realizar o desafio de ser objetiva e passar a informação necessária, como Cartier-Bresson fazia, além de manter o máximo de espontaneidade das crianças para retratá-las o mais natural possível nos momentos de lazer no panorama atual das condições sociais das regiões administrativas do Distrito Federal.

8. Conclusões

O lazer é importante para manter a qualidade de vida das pessoas. Na fase adulta, ele combate ao estresse, mantém a saúde, estimula outras áreas do cérebro e revigora para que o ser humano possa voltar à rotina. Para as crianças, o lazer se apresenta em forma de brincadeiras e contribui para a construção do discernimento e do cognitivo das crianças.

A desigualdade social atinge toda a população brasileira, e para observá-la, não é preciso ir longe. As diferenças sociais estão em todos os lugares, e é possível notá-las nas residências, nas cidades, nas vestimentas, nos empregos, nas escolas, nos hospitais, inclusive no modo de lazer das pessoas. Para a construção dessa fotorreportagem, foram escolhidos dois pontos para representar a desigualdade social: lazer e crianças. A ideia era representar esse assunto que já está enraizado na sociedade de um ângulo diferente, e mostrar que ainda há o que ser feito para mudar a realidade dos infantes que têm a vida toda pela frente.

Na periferia, onde o IDHM foi menor, as crianças geralmente têm como lazer brinquedos improvisados, feitos por eles mesmos e, muitas vezes, brincadeiras na rua. A influência da mídia é muito menor, e a sede de consumo também. Além disso, elas fazem atividades extracurriculares quando há oportunidades oferecidas pelo governo ou por Organizações Não Governamentais justamente por não ter condições de pagar pelas atividades. Outras características das crianças das cidades com índice de desenvolvimento baixo, são que algumas crianças não costumam brincar, pois precisam cuidar dos irmãos mais novos, enquanto os pais trabalham ou realizam os afazeres domésticos, em outros casos, passam o dia em creches improvisadas em meio a casas comuns.

Quanto mais perto do centro do Distrito Federal, maior o IDHM das regiões, e melhores as condições de vida das pessoas que ali habitam. Os lazeres das crianças dessas regiões são, geralmente, dentro de casa e com muitos brinquedos. Quando elas vão para rua, sempre com a supervisão de algum adulto, sejam os pais ou responsáveis por cuidar deles, fazem atividades extracurriculares, e sofrem muita influência da mídia, principalmente de desenhos e propagandas que fazem com que elas sempre queiram consumir mais brinquedos. Além disso, a própria mídia é uma forma de lazer das crianças, como: internet, televisão, celulares. A

desigualdade aqui, se caracteriza pelo excesso de opções de lazer em alguns lugares, e a falta para outros.

O maior desafio foi encontrar as fontes para serem entrevistadas e fotografadas, pois na atualidade, existem muitos perigos com a utilização e reprodução com imagens de crianças. Mas, a maioria dos pais e responsáveis foram muito receptivos e colaborativos, e as crianças muito naturais e comunicativas, o que colaborou para a colheita de maiores informações sobre a maneira de viver, o que pensam do futuro e o que mais gostam de fazer nos momentos de lazer. A opção por fazer uma revista eletrônica sintetiza a dinâmica maior de apuração e de produção que eram necessárias nesse caso, e colaborou juntamente ao fator tempo para manter a procura pelas fontes até encontrá-las. Além do fato da conservação do meio ambiente, evitando a impressão e utilizando do ambiente digital que está em alta.

Dentre as regiões escolhidas, algumas foram de fácil acesso, por haver contatos previamente marcados no local. Mas outras, foram difíceis por circunstâncias climáticas, ou por não haver crianças nas ruas nos momentos que foram escolhidos para fotografar. O Noroeste por exemplo, após três tentativas em diferentes horários pela cidade, inúmeros parques infantis vazios, um personagem apareceu. No Recanto das Emas, depois de duas tentativas, a opção foi ligar para creches das cidades para que os professores indicassem crianças.

A escolha por utilizar, na maioria das fotografias, a lente 50mm é para trazer a visão mais humanizada do fato, e deixar o mais próximo possível do olhar humano para todas as crianças retratadas nos momentos de diversão, além de tentar buscar o instante decisivo da emoção na situação da brincadeira, como o sorriso, a corrida, a preparação para o chute, o olhar para os brinquedos. Mas houveram ocasiões que o uso da lente 50mm não foi possível, por ter que manter alguma distância da cena, para a criança sentir-se mais à vontade e gerar a espontaneidade. Outra opção para o registro das imagens, foi a de não utilizar o flash, e fazer as fotos apenas em ambientes com a luz natural do dia, ou artificial do lugar, para manter o máximo de realidade possível no momento das brincadeiras das crianças.

O aprofundamento da revisão teórica e da contextualização foi de extrema importância na hora de registrar as imagens, a bagagem construída durante a pesquisa transformou o olhar na hora dos registros. O fotojornalismo vai além do simples registro fotos, são registro de fatos. Há uma carga informacional grandiosa nas imagens que são poderosas e de extrema importância em um jornal. Além de deixar registrado momentos que dificilmente se repetirão da mesma forma, como sugere Roland Barthes (1984, p. 13) “O que a Fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente.”

Com o mundo cada vez mais rápido e cheio de informações, as imagens se fazem necessárias para captar a atenção do leitor pois registra em forma visual o que o texto diz, agregado ao que não está escrito. A fotografia é uma maneira de levar vários olhares para locais ou pessoas que poucos tiveram a oportunidade de olhar e presenciar. A fotografia, juntamente com o jornalismo são janelas para o mundo, e utilizar essa janela para mostrar injustiças, fatos pouco conhecidos, informações necessárias com o objetivo de mudar realidades e fazer melhorias para a sociedade, é a função mais interessante dessa profissão.

Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. Jornalismo cidadão. Artigo acessado em: 26/05/2016. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/download/2185/1324>

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BARROS, R.P; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. Revista Brasileira de Ciências. Sociais, fev.2000.

BARTHES, Roland. A câmara clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

CANEVACCI, Massimo. Antropologia da comunicação visual. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CARTIER-BRESSON, Henri. O momento decisivo. In: BACELLAR, Mário Clark, STOLLEY, Richard, MYDANS, Carl et al. Fotografia e jornalismo. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 1971.

CARTIER-BRESSON, Henri. O imaginário segundo a natureza. Barcelona: G. Gili, 2004.

CORDEIRO, Sandro da Silva; COELHO, Maria das Graças Pinto. Descortinando o conceito de infância na história: do passado à contemporaneidade. Junho. 2007. Disponível em: http://www.faced.uf.br/colulhe06/anais/arquivo/76SandroSilva_Cordeiro_MariaPintoCoelho.pdf . Acesso em: 19/09/2016.

DUBOIS, Philippe. O Ato Fotográfico e outros ensaios. Tradução: Marina Appenzeller. Brasil, Papyrus, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FRIEDMANN, Adriana. O desenvolvimento da criança através do brincar. São Paulo, SP: Moderna, 2006.

FREUND, Gisèle. Fotografia e Sociedade. Lisboa: Vega, 1995.

GUARANÁ, Deborah. O conceito histórico da infância. 15 de dezembro de 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/o-conceito-historico-da-infancia>>. Acesso em: 12/07/2016.

KOSSOY, Boris. Realidades e ficções na trama fotográfica. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

JORGE, Thaís M. Manual do Foca: Guia de sobrevivência para jornalistas, São Paulo, Editora Contexto, 2008.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LESSA, Sérgio. In: Capacitação em Serviço Social e Política Social: Módulo 2: Reprodução social, trabalho e serviço social. Brasília: CEAD, 1999.

LOHMANN, R. A objetividade no fotojornalismo: um estudo de caso do jornal Zero Hora. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Grande do Sul, 2011. Acesso: 19/04/2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/37638/000822299.pdf?sequence=1>>

MANUAL DA REDAÇÃO: FOLHA DE S. PAULO. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 2002.

MARX, Karl. In: O Capital – Crítica da Economia Política. Livro Primeiro, Tomo II. São Paulo, Nova Cultural Ltda., 1996. Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil (Kamakura & Mazzon)

MARQUES, Alan. A máquina de acelerar o tempo: Conversas sobre fotojornalismo contemporâneo. Brasília: Appris Editora, 2016

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: Fotografia e História Interfaces. Rio de Janeiro, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000200003#nt . Acesso em setembro de 2016.

MONTEIRO, Charles. Fotografia, História, e Cultura Visual: Pesquisas Recentes. EDIPUCRS, Rio Grande do Sul, 2012.

OLIVEIRA, Magda Sarat. Criança na história ou história da criança?. Rev. Guairacá, vol. 16. Guarapuava: Unicentro, 2000.

OLIVEIRA, Vera Barros de. O Brincar e a criança do nascimento aos seis anos. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

REDIN, Euclides. O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

SOUZA, Pedro. Uma história crítica do fotojornalismo ocidental. 2000. Acesso: 15/03/2016. Disponível em: <http://focusfoto.com.br/wp-content/uploads/2012/04/HISTORIA-CRITICA-DOFOTOJORNALISMO-OCIDENTAL.pdf/>

SOUZA, Jorge P. Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia. Porto, 2004.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SONTAG, Susan. Ensaio sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Ed. Arbor, 1981.

SONTAG, Suzan. Sobre a Fotografia. Tradução Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

STEINBERG, S.R & KINCHELOE, J.L. 2001 Cultura infantil: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização brasileira. Disponível em: <http://www.sciello.br/scielo.php?pid=s010444782004000100018&script=sciELO_artt_ext&ting=pt-36k>. Acesso em: 04/10/2016.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.

FÁBIO, André Cabette; DEMASI, Beatriz; MARIANI, Daniel; DUCROQUET, Simon. Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo, da ONU, abril de 2016. Acessado em 11/04/2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/04/06/Desigualdade-10-concentram-52-da-renda-no-pa%C3%ADs>

Dados:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS. Critério Brasil. Brasil, 2015. <http://www.abep.org/criterio-brasil>

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. A Nova Classe Média. Brasil, 2008.
http://www.cps.fgv.br/cps/classe_media/

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasil, 2015. Acessado em 18/08/2016. Disponível em:
<http://www.unicef.org/brazil/pt/ECA25anosUNICEF.pdf>

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Infância e adolescência no Brasil. Brasil, 2015. Acessado em 13/09/2016. Disponível em:
<https://www.unicef.org/brazil/pt/activities.html>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Índice de Desenvolvimento Humano Municipal. Brasil, 2010.
<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=530010&idtema=118&search=distributo-federal%7Cbrasil%7C%C3%8Dndice-de-desarrollo-humano-municipal-idhm-&lang=>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios. Brasil, 2015.
<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad98/saude/analise.shtm> <http://www.datosmarketing.com.br/listas-detalhes-classes-sociais.asp>

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. Atlas Brasil. Brasil, 2013. - http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/idhm/

Referências Adicionais:

CALDEIRA, Laura Bianca. O conceito de infância no decorrer da história. Disponível em:
http://www.diaadiaeducaçao.pr.gov.br/diaadia/diaadia/arquivos/File/conteúdo/.../o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf . Acesso em: 13/09/2016.

FRIEDMANN, Adriana. O território do brincar. Disponível em:
http://territoriodobrincar.com.br/wp-content/uploads/2015/06/Adriana_Friedmann_O_Universo_Simbolico_da_Crianca.pdf
 Acessado em: 19/10/2016.

CAMARGO, Isaac Antônio. Reflexões sobre o pensamento fotográfico. Londrina: UEL, 1999.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagens. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (orgs). História Social da Infância no Brasil. 6ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

NASCIMENTO, Aline F. Economia popular solidária: alternativa de geração de trabalho e renda. Artigo acessado em: 12/06/2016. Disponível em: www.upf.tche.br/semgiest/download/artigos/area1/4.pdf

PEREGRINO, Nadja. “O Cruzeiro”: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro, Dazibao, 1991.

TAVARES, Maria Augusta. Acumulação, trabalho e desigualdades sociais. In: Curso: Serviço social: Direitos Sociais e Competências Profissionais, Brasília: CFESS / ABEPSS / CEAD-UNB, 2009.